

PERÍODO PANDÊMICO DE 2020: EXPERIÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS EM AMBIENTES EDUCACIONAIS NO BRASIL

Bruna Raiane Bartoski¹

Luana Isabela Kosouski²

Rayane Ferreira³

Suzete Terezinha Orzechowski⁴ (UNICENTRO; Brasil)

RESUMEN

En marzo de 2020, las actividades se vieron interrumpidas por la pandemia del Covid-19, hecho que estaba impactando a nivel mundial de muchas maneras. Con el aislamiento, las actividades pedagógicas presenciales de la universidad se vieron interrumpidas, lo que provocó que docentes y estudiantes se vieran obligados a adaptarse a los recursos tecnológicos de forma remota, lo que se tradujo en varios impactos nocivos en la enseñanza y el aprendizaje, tanto para el área de educación básica como para la educación superior, provocando conmociones en docentes y estudiantes. Este informe de experiencia se divide en dos partes: una se refiere al contexto de la Universidad (formación docente) y la otra al contexto de la educación básica. El presente trabajo contempla el relato de experiencias vividas en estos dos espacios educativos.

PALABRAS CLAVE: Pandemia; estudio remoto; Formación de profesores; Educación básica; COVID-19.

¹ Graduanda no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná-Brasil e professora na Educação Infantil.

² Graduanda no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná-Brasil.

³ Graduanda no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná-Brasil.

⁴ Professora no Departamento de Pedagogia da UNICENTRO/Paraná, mestre em Metodologia e prática do Ensino UNICAMP/UNICENTRO; Doutorado Sanduiche na Formação de professores PUCPr/UNED-Madrid. Líder do Grupo GETFOP; Coordenadora do LAPSU, Membro do FORPED e GT da RePPed. Pesquisadora CNPQ/Os cursos de Pedagogia nas IES Brasileiras.

RESUMO

No mês de março de 2020, as atividades foram interrompidas devido a pandemia da Covid-19, fato que foi impactante mundialmente em vários aspectos. Com o isolamento, as atividades pedagógicas presenciais da universidade foram interrompidas, fazendo com que os professores e os estudantes fossem obrigados a se adaptarem aos recursos tecnológicos de forma remota, o que acarretou em vários impactos prejudiciais no ensino-aprendizado, tanto para a área da educação básica quanto do ensino superior, gerando abalos em docentes e discentes. O presente relato de experiência se divide em duas partes: uma se refere ao contexto da Universidade (formação de professores) e outro ao contexto da educação básica. O presente trabalho, contempla o relato de experiências vividas nestes dois espaços educativos.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Estudo Remoto; Formação de Professores; Educação Básica; Covid-19.

1 Dificuldades acadêmicas:

O ano de 2020 ficou marcado na história mundial por conta do surgimento do vírus conhecido como COVID-19, que acarretou em uma pandemia globalizada, causando problemas de ordem política, econômica, social, afetiva e tantas outras imensuráveis. Este vírus caracteriza-se como uma infecção respiratória, altamente transmissível, que pode apresentar sintomas diversos. Para Strabelli e Uip (2020) “o quadro clínico da COVID-19 é semelhante ao de outras viroses respiratórias, a saber, febre, tosse geralmente seca, cansaço e, em casos mais graves (5%), dispneia, sangramento pulmonar, linfopenia grave e insuficiência renal”. Por conta do seu alto risco de contaminação, algumas medidas foram adotadas a fim de diminuir sua propagação, tais como o uso de máscaras e o distanciamento social. Este último, afetou com mais intensidade a rotina e o psicológico de todos pelo fechamento repentino e por tempo indeterminado de alguns setores:

O isolamento social sob orientação por órgãos públicos de saúde possibilita que os indivíduos permaneçam em seus domicílios, evadindo-se apenas em casos realmente necessários. Essa medida repercutiu, logo, no fechamento do comércio, indústria, além de interromper atividades de lazer, teatros, shows etc. (MARQUES E FRAGUAS, 2020)

Mas, de todas as áreas que foram afetadas pela COVID-19, damos enfoque para a área da educação, que por conta do distanciamento social, adotaram o sistema remoto que incidiu em grandes impactos negativos no rendimento escolar de todas as etapas da educação, desde a educação infantil até o ensino superior. Segundo o relatório do CNE:

Em março de 2020, sem planejamento prévio, a sociedade brasileira obrigou-se a fechar as portas das escolas para a presença física dos estudantes, buscando desenvolver novas alternativas para a oferta de atividades educacionais não presenciais. A inevitável improvisação da oferta de atividades educacionais remotas, com ou sem suporte de modernas tecnologias de informação e comunicação, corajosamente assumida pelo conjunto dos educadores brasileiros, de todos os níveis e modalidades de educação e ensino, buscou garantir, da melhor forma possível, a manutenção dos melhores níveis possíveis de aprendizagem de seus educandos (Brasil, 2021, p. 5-6).

Os acadêmicos que ingressaram na universidade em 2020 estiveram presentes fisicamente no campus durante apenas 2 semanas. Por se tratar de um vírus desconhecido, foi exigido que todos se mantivessem isolados no período de quarentena/*lockdown* para se prevenir da pandemia que se expandia de forma exponencial.

Os professores encontraram dificuldades em lecionar remotamente devido a problemas como: falta de conhecimentos sobre como utilizar os instrumentos tecnológicos e domínio dos mesmos; conexão e acesso à internet; falta de participação e interação dos alunos na modalidade de ensino remoto e a falta de acesso a recursos digitais como computador/celular. Além de que, muitos deles apresentaram insensibilidade e falta de compreensão, exigindo, de forma rigorosa, que os alunos realizassem as atividades, deixando prazos pequenos para a entrega das mesmas, para que

participassem ativamente das aulas que aconteciam por meios digitais, exigindo que abrissem o microfone e as câmeras. Alguns agiram de forma grosseira com os alunos que se recusavam, faltando até mesmo com a didática e organização metodológica. É claro que, até certo ponto é compreensível esta atitude nervosa por parte dos professores, pois, muitos sofreram com as dificuldades emocionais e a pressão psicológica que a pandemia causou em todos, além da falta de incentivo governamental em disponibilizar recursos acessíveis.

Quando voltamos a nos encontrar presencialmente, percebemos que todos eram excelentes professores, dotados de muita sabedoria, compreensão, conhecimento e eficiência. Sendo possível concluir, que aqueles momentos de desentendimento eram fruto apenas do caos e da hostilidade do momento.

Entretanto, os estudantes enfrentaram as mesmas dificuldades de adaptação e outras mais, como a evasão e trancamento de matrículas. O fato do ambiente familiar não ser propício para qualidade de estudo, comprometimento da aprendizagem devido à metodologia não presencial, aumento de transtornos relacionados a depressão e ansiedade, ocasionados pelo isolamento, falta de comprometimento com as atividades propostas, falta de autonomia, de hábitos de estudos e a procrastinação, que é um sintoma recorrente da ansiedade, foram aspectos e comportamentos que se evidenciaram entre os acadêmicos. Acrescenta-se a tudo a pressão psicológica, as perdas, o abalo emocional e a distância física do campus, que desestruturou muitos alunos, principalmente aqueles que são mais sociáveis e gostam de estar em contato direto com outras pessoas.

A volta para o presencial foi difícil, não houve uma acolhida nem por parte da universidade e menos ainda nas escolas da educação básica. As instituições de ensino estavam cientes de que voltariam de uma pandemia seguindo a mesma rotina de antes de entrar nela, como se pudessemos ignorar o que vivemos. Obviamente, isso não ocorreu, todos voltaram, de alguma forma, abalados e era bem previsível que seria desta forma. Precisávamos de uma acolhida, precisávamos ter deixado claro que a instituição que conhecíamos antes não é mais a mesma, que nós não somos mais os mesmos, que a história a partir de agora seguirá de formas diferentes, precisaremos passar pelo luto de cada uma

das situações vividas. A acolhida serviria para refletir, para não ignorar o que vivemos, para pensarmos sobre o que éramos antes da pandemia e sobre o que somos agora.

Além de que, muitos ainda sofrem com as sequelas deixadas pela pandemia, os sobreviventes da Covid-19 relatam sintomas que ainda predominam em seus corpos, dentre eles podemos citar algumas que prejudicam diretamente a aprendizagem, como: falta de memória, falta de concentração e fadiga. Um estudo realizado nos Estados Unidos entre 177 pessoas, afirmou que ainda há sintomas persistentes da Covid em 26,6% deles com idades entre 18 a 39 anos, em 30,1% entre 40 e 64 anos e 43,3% com mais de 65 anos, entre eles estavam a fadiga, perda de olfato ou paladar, dificuldade de concentração e perda de memória (Logue et al., 2021).

As dificuldades, portanto, foram inúmeras e continuam sendo vistas dentro do ambiente universitário. É evidente que, a metodologia de ensino que era utilizada antes da Covid-19 não se mostra tão eficiente para ser utilizada no período pós pandemia. É preciso reinventar os meios de ensino, adequá-los, levando em consideração todas as mudanças sofridas e sentidas pelos alunos, professores, pedagogos e agentes educacionais.

2 Dificuldades das crianças na Educação Básica em Escola Pública

Os adultos apresentaram dificuldades em estudar de maneira remota e para as crianças foi um desafio ainda maior. Os resultados dessa defasagem refletirão nas séries futuras, não obstante, o empenho dos educadores terá de ser redobrado.

A pandemia tem prejudicado todos, em diferentes áreas importantes da vida, como econômica, política, social e emocional. Esta última, impactou mais fortemente os pequenos, que ainda não haviam aprendido a lidar da forma correta com as emoções. A distância física com o ambiente escolar afetou diretamente a socialização, acarretando em problemas de ordem emocional, tais como, ansiedade, hiperatividade, tristeza, angústia, etc. que podem desenvolver-se em futuros traumas. Como citam Linhares e Enumo (2020, p.3):

A saúde mental das crianças no contexto da pandemia com o distanciamento ou isolamento social deve ser um ponto de atenção, considerando-se que as crianças se constituem em uma população

vulnerável. O estudo de Wang, Zhang, Zhao, Zhang e Jiang (2020) mostrou que o confinamento em casa de 220 milhões de crianças e adolescentes chineses, incluindo 180 milhões de estudantes de escolas primárias e secundárias e 47 milhões da pré-escola, provocará impactos psicológicos, na medida em que estão sujeitos a estressores, tais como duração prolongada, medo de infecção, frustração e tédio, informações inadequadas, falta de contato pessoal com colegas, amigos e professores, falta de espaço pessoal em casa e a perda financeira da família (LINHARES & ENUMO, 2020, p.3).

Caso 1:

Podemos exemplificar com uma experiência real vivida por uma das autoras no ambiente escolar, no retorno das aulas pós pandemia: O aluno 1, apresentava agressividade e uma angustia familiar, percebida pela professora, pois em todas as atividades que envolviam a família, o aluno negava-se a realizar e afirmava que sua família era “muito chata”. A criança expunha agressividade constante contra seus colegas. Sendo violento, usava ofensas verbais e chorava todos os dias. Devido a estes comportamentos, buscou-se investigar sua vida familiar e foi descoberto que o menino presenciou a morte do pai, apresentava mãe ausente, tendo cuidados básicos negligenciados, estando sob a vigia dos irmãos adolescentes. Observando todos os aspectos, a atitude da escola foi a de encaminhar a criança para uma rede de apoio, com atendimento psicológico. Este olhar sensível diante do caso só foi possível por conta do contato direto entre professor e aluno, que durante o *lockdown* não é possível. Percebe-se, portanto, que a relação aluno-professor vai muito além do ensino aprendido. Sendo necessário olhar para o aluno como um sujeito além da escola, pois, sua relação fora dela reflete diretamente na sua vida escolar e em sua aprendizagem.

Caso 2:

Uma investigação foi realizada com o aluno 2, para exemplificar sua relação com as aulas remotas. Ao questionar a criança 2, que passou pelo segundo ano do Ensino Fundamental no período pandêmico quando completou 7 anos, buscou-se identificar como foi sua passagem pelos estudos

remotos. A mesma alega que foi uma experiência diferenciada estudar em casa, diz que não é produtivo e considera que presencialmente na escola é melhor, pois consegue aprender mais. Também relatou o processo de intermediação nesse estudo, dizendo que: as professoras organizavam um cronograma de atividades diário, em que teriam que realizar atividades impressas ou do livro, e geralmente havia um vídeo da professora responsável pela matéria, elucidando o conteúdo que iria ser trabalhado. Após a conclusão das atividades, deveria ser mandada uma foto de tudo que foi realizado pelo aluno para o *WhatsApp* da professora correspondente. Ela iria corrigir e avaliar, podendo ter noção de quais alunos estavam efetivamente realizando as atividades e quais não estavam. De 15 em 15 dias ou mensalmente, as atividades e os livros tinham de ser encaminhados para a escola pelos pais/responsáveis, e a instituição mandava novas tarefas de acordo com as entregas. Dentre os empecilhos relatados pela criança 2, têm-se que em casa, existem várias distrações e coisas mais interessantes, as quais chamam mais atenção do que as atividades escolares, assim, elas acabavam sendo deixadas de lado ou esquecidas, revelando que a casa não é um ambiente próprio e conveniente para o estudo e o engajamento no aprendizado. Esta criança expõe, inclusive, que ficava chateada, com preguiça e sem vontade de realizar as tarefas. Após muita insistência de seu responsável que a auxiliava, conseguia realizar a tarefa. Disse ainda que na escola é tudo mais organizado, e que no período que ficou em casa conseguiu aproveitar pouquíssimas coisas.

Este caso nos faz refletir sobre a cultura da aprendizagem autônoma, que no caso do ensino remoto, também foi se estabelecendo como um ensino a distância. Lembramos da primeira fase da educação à distância no Brasil com seu modelo de apostilas impressas e o estudo doméstico.

Caso 3:

Outro problema observado nas aulas remotas, é o fato de o professor não conhecer o aluno que está por trás da tela. Uma situação observada em uma escola municipal, na qual uma das autoras presenciou durante o período de isolamento, em que o aluno X entregava todas as atividades e contemplava todos os objetivos propostos. No retorno das aulas de forma presencial, o mesmo aluno

apresentou dificuldades motoras, de visão e cognitivas, não sabendo diferenciar letras de números, rasurava o material com lápis de cor, apresentando desenvolvimento psíquico inferior à sua idade cronológica. Somente no retorno presencial das aulas, onde ocorreu o contato direto entre o professor e o aluno em questão, foi possível observar que a criança não era portadora apenas de baixa visão, apresentava sintomas de outras síndromes, que ainda não foram diagnosticadas, mas estão sendo alvo de estudo. Foi a partir do contato presencial, que o professor pôde junto com o pedagogo escolar e a coordenação, encaminhar a criança para diagnósticos mais adequados.

Caso 4: Relato de uma professora de alfabetização sobre o ensino *online*/remoto

A professora relatou ter enfrentado dificuldades no processo de alfabetização, pois, as crianças apresentam particularidades e aprendem de formas diferentes, sendo impossível contemplar todas as crianças no ensino remoto. Segue abaixo o relato da professora, na íntegra:

“O processo de alfabetização durante o período remoto foi difícil tanto para a professora quando para os alunos e suas famílias. As tentativas foram por videoaula, chamada de vídeo ou aulas do YouTube, porém nem sempre conseguimos os objetivos propostos, tendo em vista que os alunos aprendem de formas diferentes (particularidades que dessa forma não são contempladas), as famílias também não são preparadas para o processo de ensino-aprendizagem, e algumas também não tem recursos tecnológicos para atender o acesso das crianças às aulas online. Sem contar que a aprendizagem pelas crianças se dá de forma prática e de interação, coisa que não tem condições de acontecer de forma remota.”(sic)

Existe uma suposição de que todos têm acesso às tecnologias, sendo que este fato é falso, pois às desigualdades sociais não permitem que a maioria acesse a estes recursos, por mais que estejamos inseridos na Era Tecnológica. A professora, em questão, evidenciou este problema. Durante a pandemia, a educação foi excludente, pois, nem todos os alunos possuíam recursos tecnológicos para acompanhar as aulas. São os alunos da periferia os mais carentes e os que mais sofreram com a

negligência do capitalismo. As crianças que tiveram acesso foram apenas as que dispunham de recursos tecnológicos, havendo um descaso político para com aquelas que não possuíam. A pandemia evidenciou que a educação no Brasil, portanto, faz-se apenas para quem possui recurso aquisitivo.

Outro aspecto significativo no depoimento da professora diz respeito a interação, visto que o ser humano é um ser social, a aprendizagem remota jamais será igualada ao compartilhamento de saberes, experiências e vivências que uma sala de aula, que pressupõe convivência e trabalho em grupo, pode proporcionar ao enriquecimento do processo cognitivo na infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos os relatos reunidos, é possível concluir que uma parcela enorme de alunos acabaram se ausentando do estudo e da aprendizagem na fase remota. Seja porque não enviavam as atividades para as professoras, ou simplesmente não realizavam estas atividades por conta da falta de acesso aos recursos tecnológicos, também, pelo fato de muitos pais/responsáveis não contribuírem e não ajudarem a criança nas tarefas. Pais sem tempo, cansaço, exaustão, falta de paciência e ainda a defasagem de conhecimento sobre os conteúdos parece que caracterizam uma parcela dos familiares. Pôde-se observar, também, que o contato entre docente e discente é primordial não apenas para o ensino-aprendizagem, mas também para observar o aluno como sujeito fora dos muros escolares. Além de que, a socialização entre os pares se mostra de suma importância, pois, as relações de amizade no ambiente de ensino, proporcionam um crescimento pessoal, social e emocional.

Com certeza, a pandemia deixou sequelas em todos, sejam elas físicas, emocionais, psicológicas ou econômicas. Mas, diante de todas as desgraças houve frutos que nasceram para o bem, como a redução de papel impresso dentro do âmbito de ensino, e talvez, em outros ambientes. Nas aulas presenciais depois da pandemia, pouco se usou impressões, passamos a utilizar a forma digital para consultar conteúdos e textos, bem como a entrega de atividades avaliativas se deu, na maior parte, de forma *online*, sendo esta, uma grande vitória para o meio ambiente. O uso mais frequente e rigoroso da higiene pessoal também pode ser citado como algo positivo aprendido no período pandêmico,

como também a valorização da ciência, dos profissionais da educação e da saúde, bem como o espaço da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. (2021). Diretrizes gerais sobre aprendizagem híbrida. CNE/MEC. Brasília. Recuperado de: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=227271-texto-referencia-educacao-hibrida&category_slug=novembro-2021-pdf&Itemid=30192

LINHARES, M. B. M., & ENUMO, S. R. F. . Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200089. 2020, p.1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>

LOGUE, J. K., Franko, N. M., McCulloch, D. J., McDonald, D., Magedson, A., Wolf, C. R., & Chu, H. Y. (2021). Sequelae in adults at 6 months after covid 19 infection. JAMA network open 4(2), e210830e210830.

MARQUES, Ronaldo e FRAGUAS, Talita. A resignificação da educação: virtualização de emergência no contexto de pandemia da covid-19. Braz. J. of Develop. Curitiba, v. 6, n. 11, p.86159-86174, nov. 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/19557/15671>

STRABELLI, Tânia M. V. e UIP, David E. COVID-19 E O CORAÇÃO. Editorial Arq. Bras. Cardiol. 114 (4), Abr 2020, pg 598-600. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/NWKkJDxLthWSb53XFV9Nhvn/?format=pdf&lang=pt>

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: *Bartoski, Bruna Raiane; Kosouski, Luana Isabela, Ferreira, Rayane; Orzechowski, Suzete Terezinha (2022); Período pandêmico de 2020: experiências e consequências em ambientes educacionais no Brasil;*
En:<http://quadernsanimacio.net> n° 36; Julio de 2022; ISSN: 1698-4404